

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39414</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Participação paterna no pré-natal, parto e pós-parto: um estudo sobre a perspectiva do pai

Paternal participation in antenatal, labour and postpartum: a study about the father's perspective

Participación paterna en pré-natal, parto y pos-natal: un estudio sobre la perspectiva del padre

Denise Bernardi¹

orcid.org/0000-0002-4134-3355
denise.bernardi@yahoo.com.br

Renata Mello¹

orcid.org/0000-0002-1881-8690
renatamello@gmail.com

Terezinha Féres-Carneiro¹

orcid.org/0000-0002-0564-7810
teferca@puc-rio.br

Recebido em: 25 out. 2020.

Aprovado em: 7 jun. 2022.

Publicado em: 21 nov. 2023.

Resumo: Este estudo parte de uma exploração mais ampla sobre as transformações do exercício paterno na contemporaneidade. O objetivo foi investigar a participação do pai nas consultas pré-natais, no parto e no pós-parto sob a perspectiva masculina. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados quinze pais primíparos. Os resultados foram analisados utilizando o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Da análise do material, emergiram diversas categorias de análise. Contudo, para atingir os objetivos formulados no presente trabalho, foram discutidas as categorias "presença do pai nas consultas de pré-natal", "presença do pai na sala de parto" e "rede de apoio familiar". Os resultados indicam que, na atualidade, muitos homens desejam participar do ciclo gravídico-puerperal. Entretanto, sua presença nem sempre é facilitada, em especial, devido aos estereótipos de gênero associados ao universo obstétrico como um espaço naturalmente feminino. A partir da análise das entrevistas concluiu-se que a participação do homem durante o pré-natal, parto e pós-parto é um fator positivo, pois fortalece os vínculos familiares.

Palavras-chave: pré-natal, gravidez, parto, paternidade

Abstract: This study, part of a broader investigation on the transformations of fatherly exercise in contemporary times, and aimed to investigate the father's participation in prenatal consultations, childbirth and postpartum from the man's perspective. Therefore, a qualitative research was conducted, with fifteen primiparous parents which were interviewed. The results were analyzed according to the content analysis method in each categorical aspect. From the analysis of the material, several categories of analysis emerged. To achieve the objectives formulated in this study, the categories presence of the father in prenatal consultations, presence of the father in the delivery room and family support network will be discussed. The results showed that, today, many men wish to participate in the pregnancy-puerperal cycle, however their presence is not always facilitated, especially due to the gender stereotypes associated with the obstetrical universe as a naturally female space. This concludes that the participation of men during prenatal, delivery and postpartum is a positive factor, because strengthens family bonds.

Keywords: antenatal, pregnancy, childbirth, fatherhood

Resumen: Este estudio, parte de una investigación más amplia sobre las transformaciones del ejercicio paterno en la época contemporánea, tuvo como objetivo investigar la participación del padre en las consultas prenatales, el parto y el pós-parto desde la perspectiva del hombre. Para ello se realizó una investigación cualitativa, en la que se entrevistó a quince padres primíparos. Los resultados se analizaron según el método de análisis de contenido en su aspecto categórico. Del análisis del material surgieron varias categorías de análisis. Para lograr los objetivos formulados en este estudio se discutirán las categorías presencia del padre en consultas prenatales, presencia del padre en la sala de partos y red



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

de apoio familiar. Los resultados mostraron que, hoy en día, muchos hombres desean participar en el ciclo embarazo-puerperal, sin embargo su presencia no siempre se facilita, especialmente por los estereotipos de género asociados al universo obstétrico como un espacio naturalmente femenino. Se concluye que la participación de los hombres durante el prenatal, parto y posparto es un factor positivo, ya que fortalece los lazos familiares.

Palavras clave: pré-natal, embarazo, parto, paternidad

O nascimento de um filho costuma ser um dos acontecimentos mais marcantes na vida tanto do homem quanto da mulher, apesar de a paternidade e a maternidade serem experimentadas de formas distintas por cada um deles. Com o parto e a chegada do novo membro na família, pai e mãe vivenciam múltiplos sentimentos (McGoldrick & Shibusawa, 2016). Essa experiência tem um potencial transformador na vida dos indivíduos, do ponto de vista emocional, mobilizando muitos afetos devido a reajustes e adaptações, em especial, para a mulher que passou pelo trabalho de parto (Romagnolo et al., 2017).

O período logo após o nascimento é fundamental para a tríade e para a construção da relação entre pais e filhos. É nesse momento que os pais começam a se familiarizar com o bebê e o reconhecem como um novo membro da família. Ao longo da história, a experiência do nascimento de um filho esteve em sua totalidade associada ao universo feminino. Desse modo, a presença do pai nesse evento era pouco considerada (Mendes & Santos, 2019). Diversas transformações possibilitaram alterações do lugar do homem na sociedade, especialmente, a partir do final dos anos 1960. Dentre tais transformações, demarcam-se a inserção da mulher, em especial, nas camadas médias da população, no mercado de trabalho (Rocha-Coutinho, 2015). As mudanças no papel da mulher na sociedade também possibilitaram alterações no lugar ocupado pelo homem evidenciando a necessidade de uma divisão mais igualitária no âmbito do cuidado dos filhos (Matos et al., 2017a, 2017b). Na contemporaneidade, observa-se um pai mais envolvido nos processos relacionados à gestação e mais presente na vida dos filhos (Fiterman & Moreira, 2018). Diante disso,

a presença paterna durante o trabalho de parto tem sido crescentemente reconsiderada.

Estudos apontam que a participação do homem nesse evento mostra-se fundamental, pois permite estreitar os laços entre os cônjuges, além de proporcionar bem-estar à grávida (Mendes & Santos, 2019; Yargawa & Leonardi-Bee, 2015). Do mesmo modo, a presença do pai/parceiro representa uma importante fonte de apoio emocional, reforçando o fortalecimento da prática de aleitamento materno na evolução do trabalho de parto natural e na recuperação puerperal (Cavalcanti & Tsunehiro, 2018; Cavalcanti & Holanda, 2019). Além disso, o elo iniciado entre pai e bebê no contexto do nascimento pode contribuir de forma significativa na formação de um vínculo mais estreito entre eles (Matos et al., 2017b; Nogueira & Ferreira, 2012).

Apesar dessas transformações, percebe-se que a paternidade ainda se encontra marcada por uma forte tradição histórica relacionada ao papel do homem como provedor financeiro, distanciado dos acontecimentos relacionados aos filhos e à gravidez (Bossardi et al., 2016). Ao mesmo tempo em que é atravessado por questões tradicionais, o lugar paterno na sociedade também é influenciado por demandas contemporâneas relacionadas à maior exigência social da participação ativa do homem na vida e no cuidado dos filhos. Desse modo, um dos desafios que o "novo" pai tem enfrentado refere-se à necessidade de conciliar valores tradicionais e pós-modernos. Apesar de atualmente os homens serem convidados a participar de forma mais ativa da vida dos filhos, e de muitos manifestarem o desejo de assumir este papel, parece que a eles ainda é garantido muito pouco o direito de apropriar-se desse lugar, considerando, em especial, a carência de políticas públicas brasileiras relacionadas aos direitos paternos (Barreiros de Carvalho, 2016; Vêras & Medeiros de Oliveira, 2017).

A sociedade tem proposto novos papéis ao homem, especialmente àqueles das camadas médias da população que, além de provedores, atualmente estão mais presentes no cuidado dos filhos (Balica & Aguiar, 2019; Fiterman & Morei-

ra, 2018). Entretanto, nem sempre ele encontra condições concretas para assumi-los, o que o leva frequentemente a recair nas velhas formas tradicionais. Isso se reflete no crescimento do incentivo para que o pai participe das consultas de pré-natal e esteja presente no nascimento do filho (Gomes et al., 2019). Esse encontro muitas vezes não é possibilitado em decorrência de inúmeras dificuldades, como a falta de estruturação dos serviços hospitalares para receber um homem na sala de parto (Silva & Carneiro, 2014).

Outro importante fator é a reduzida flexibilidade do ambiente corporativo no que concerne à jornada de trabalho masculina. Em geral, o homem tem menos disponibilidade para participar das consultas de pré-natal (Balica & Aguiar, 2019; Henz et al., 2017). A maior parte dos homens também não possui um espaço para compartilhar inseguranças em relação à paternidade e aprender sobre cuidados nos períodos do pré e do pós-natal (Trindade et al., 2019). Desse modo, a falta de um olhar para as questões paternas dificulta que o homem se aproprie do seu lugar de pai, nomeie seus estados emocionais ao longo do processo e se envolva no cuidado do filho.

Dados do relatório da pesquisa "Saúde do homem, paternidade e cuidado no Brasil" (2017), elaborada pelo Ministério da Saúde e desenvolvida com 7.584 homens, apontam que 25% dos participantes não acompanharam sua parceira nas consultas de pré-natal. O principal motivo pelo qual os pais não puderam estar presentes era relacionado à necessidade de trabalhar. Esse dado revela que muitos homens permanecem do lado de fora do centro obstétrico e, conseqüentemente, excluídos do processo de parto.

O apoio do pai durante o período gestacional é muito importante para a construção da nova família. Sua participação em atividades direcionadas à gestante e relacionadas à chegada do bebê gera conforto e tranquilidade à mulher grávida. Após o parto, inicia-se um período denominado puerpério, que geralmente dura entre 45 e 60 dias. O puerpério é tomado aqui como o período em que o corpo feminino, que passou por transformações fisiológicas e bioquímicas durante a

gestação, retorna às condições pré-gravídicas (Rios da Silva et al., 2021). Essas transformações não se limitam a aspectos físicos, elas também englobam aspectos emocionais, algumas vezes, ultrapassando o referido período.

As mulheres que historicamente tinham suporte de outras mulheres, como a própria mãe, tias e irmãs, atualmente contam menos com essas redes de apoio tendo em vista que grande parte dessas mulheres também se encontram inseridas no mercado de trabalho e, assim, podem oferecer apenas um suporte parcial (Rocha-Coutinho, 2013, 2015). Diante dessas questões, o apoio e o envolvimento paterno mostram-se fundamentais. Porém, a maior parte dos homens permanece um tempo bastante reduzido com a família no pós-parto, não conseguindo atender às necessidades essenciais da mulher e do bebê, o que leva o casal a recorrer a redes de apoio social externas para suprir as demandas imediatas impostas por esse período (Corrêa et al., 2017; Romagnolo et al., 2017). Frente ao exposto, este estudo teve como objetivo investigar a participação do pai nas consultas de pré-natal, parto e pós-parto sob a perspectiva do homem.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa nove homens que tiveram direito à licença-paternidade de 20 dias, conforme recentemente aprovado em Lei (Lei nº 13.257), e seis homens que tiveram direito à licença-paternidade de cinco dias. Os participantes pertenciam às camadas médias da população (Velho, 1987), tinham idades entre 22 e 38 anos, haviam sido pais há pelo menos três meses e, no máximo, um ano, e coabitavam com o bebê.

Para apresentação dos resultados, e para preservar o anonimato dos participantes, os pais foram denominados de Pai 1 a Pai 15. A nomeação de cada participante foi seguida do sexo e idade do(a) filho(a) e do tipo de licença-paternidade, sendo a nomeação para os pais com licença de 20 dias Liç.20 dias, e para os pais com licença de 5 dias Liç.5 dias. A Tabela 1 apresenta a descrição

do perfil dos participantes.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes

	Idade do pai	Idade da mãe	Licença paternidade	Profissão	Tipo de empresa	Sexo do bebê	Idade do Bebê	Tipo de parto*
P1	36 anos	33 anos	20 dias	Bancário	Pública	M	6 m.	Cesária
P2	36 anos	35 anos	5 dias	Engenheiro Elétrico	Autônomo	F	3 m.	Normal
P3	32 anos	30 anos	5 dias	Advogado	Privada	F	7 m.	Cesária
P4	38 anos	39 anos	20 dias	Bancário	Pública	M	1 ano	Humanizado
P5	36 anos	36 anos	5 dias	Economista	Privada	F	4 m.	Cesária
P6	35 anos	35 anos	5 dias	Coordenador de T.I	Privada	M	7 m.	Cesária
P7	35 anos	34 anos	5 dias	Analista de Sistemas	Privada	M	6 m.	Normal
P8	35 anos	35 anos	20 dias	Servidor Público	Pública	M	4 m.	Normal
P9	35 anos	37 anos	20 dias	Representante de vendas	Privada	F	8 m.	Cesária
P10	36 anos	33 anos	20 dias	Farmacêutico	Pública	M	9 m.	Cesária
P11	33 anos	26 anos	20 dias	Professor	Pública	F	9 m.	Normal
P12	37 anos	36 anos	20 dias	Publicitário	Pública	F	3 m.	Normal
P13	22 anos	20 anos	3 dias	Atendente	Privada	M	6 m.	Fórceps
P14	30 anos	26 anos	20 dias	Professor universitário	Pública	M	9 m.	Normal com intervenção
P15	36 anos	34 anos	20 dias	Advogado	Privada	M	9 m	Cesária

*Termo descrito pelo participante.

Instrumentos

Foi utilizada uma entrevista com roteiro semi-estruturado, elaborado a partir dos seguintes eixos temáticos: concepções sobre paternidade, participação masculina nos cuidados com o filho, desafios no exercício da paternidade e lugar do filho no projeto de vida do homem.

Procedimentos

Os participantes deste estudo foram indicados pela rede de sociabilidade dos membros do grupo de pesquisa, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas foram gravadas em áudio e realizadas pelas pesquisadoras em local indicado pelos participantes. Em seguida, foram transcritas para posterior análise. O projeto

que deu origem a esta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (parecer nº 09/2019). Aos interessados em participar do estudo, foram explicitados os objetivos da pesquisa e o caráter sigiloso das informações prestadas e que preserva a identidade deles. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados foram analisados utilizando-se o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, conforme proposto por Bardin (2016). Por meio da técnica categorial, fo-

ram destacadas as categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Posteriormente, foi realizada uma "leitura flutuante" para agrupar dados significativos, relacioná-los e destacar as categorias de análise.

Do discurso dos participantes emergiram diversas categorias de análise. Tendo em vista o objetivo deste estudo, serão apresentadas e discutidas a categoria "participação masculina na gestação e pós-parto" e suas subcategorias "presença do pai nas consultas de pré-natal", "presença do pai na sala de parto" e "rede de apoio familiar".

Análise e discussão dos resultados

A seguir, são apresentadas e discutidas as categorias pertinentes ao presente estudo.

Presença do pai nas consultas de pré-natal

O pré-natal tem como objetivo acompanhar as condições de saúde da gestante e do bebê, buscando identificar precocemente problemas que podem resultar em riscos à integridade física de ambos. A figura paterna tem se mostrado cada vez mais importante nesse evento, visto que sua presença pode transmitir apoio à mulher, gerando segurança e tranquilidade, conforme ilustram os relatos abaixo:

Acho que a minha presença era importante, dava muito conforto. Ela [esposa] ficava muito ansiosa quando eu não sabia se poderia participar. Então acho que a minha presença deixava ela mais tranquila. E não só por estar lá, mas eu cheguei a desmarcar viagens a trabalho para poder estar presente. Então eu acho que isso passava uma mensagem importante para minha esposa: 'olha eu estou aqui' vocês [esposa e filha] são a minha prioridade número um. (Pai 2, menina, 3 meses, Liç. 5 dias)

Eu tentei ficar bem próximo para acompanhar o desenvolvimento do bebê na barriga, curti todo o processo da gestação. Acho que participei bastante, pra mim era bem importante estar nas consultas. E pra ela [esposa] também, ela inclusive me falou diversas vezes que a minha presença era fundamental, que ela se sentia mais segura por eu estar ali. (Pai 7, menino, 6 meses, Liç. 5 dias)

Conforme já mencionado, historicamente, o

parto e todas as práticas que envolviam a gravidez permaneciam no domínio das mulheres e pouco se analisava a gestação como algo de interesse masculino (Mendes & Santos, 2019). Desse modo, as ações de saúde voltadas ao pai durante o período gestacional ao longo da história parecem em segundo plano, talvez ancoradas à ideia perpetuada socialmente a respeito do (auto)cuidado masculino. Os homens são patriarcalmente educados para serem avessos ao cuidado, pois buscar serviços de saúde parece ser contrário à virilidade, força e independência, características que reforçam e perpetuam a imagem tradicional de masculinidade (Botton et al., 2017).

Até a década de 1950, a assistência ao parto no Brasil era feita em sua maioria em domicílio e por parteiras, sendo exercida basicamente por mulheres (Francisco et al., 2015). Assim, o acesso e a participação dos homens nas questões relacionadas à gestação e ao nascimento do filho não eram algo comum, tampouco esperado. Com a transferência do parto do ambiente domiciliar para o hospital, presenciou-se a transformação do parto que, atualmente, ocorre atravessado por processos altamente intervencionistas, adaptando-se cada vez mais às novas tecnologias. Gradativamente, o parto foi se tornando institucionalizado, deixando de ser um "assunto feminino" e passando a ser uma atribuição médica (Acker, 2006).

Na contemporaneidade, pequenas iniciativas parecem fundamentar-se na ideia de que o parto e o nascimento também são assuntos que envolvem o pai. Atualmente, observa-se uma participação mais ativa do homem no período gestacional, nas consultas pré-natais e nas salas de parto (Cavalcanti & Holanda, 2019; Fiterman & Moreira, 2018). No entanto, apesar de potencialmente significativa, a presença paterna nesses ambientes permanece pouco valorizada, tornando-se um grande desafio para os homens que, muitas vezes, não têm papéis claros, são excluídos ou mantêm-se invisíveis nesse processo (Atkin et al., 2015; Cortez et al., 2016). Esse aspecto foi destacado pelos participantes do estudo:

Muitas vezes eu me sentia sem um papel ali nas consultas, talvez eu influenciasse bem pouco. O médico e a equipe sempre me trataram com respeito, mas acho que eu era muito pouco incluído nas conversas ao longo de todo processo. Sempre a fala era mais direcionada para ela [esposa]. (Pai 8, menino, 4 meses, Liç. 20 dias)

Acho que 95% das questões eram ditas se direcionando à minha mulher, a ênfase era para ela. Isso acaba sendo um pouquinho embaraçoso, mas é aquilo, eu não tinha muito esse negócio, eu pegava e perguntava para o médico, também tirava minhas dúvidas. Mas acho que isso até desestimula alguns pais. (Pai 9, menina, 8 meses, Liç. 20 dias)

Representações sobre o lugar social do homem e do pai, e estereótipos de gênero, associados ao universo obstétrico como um espaço naturalmente feminino, parecem interferir na proximidade paterna com a gestação. A falta de estrutura física e a capacitação das equipes para acolher o pai podem dificultar seu acesso nesse contexto. Quando o homem percebe o atendimento dos profissionais de saúde direcionado exclusivamente à gestante, sendo a atenção voltada especialmente para a mãe, ele pode sentir-se desmotivado a acompanhá-la nas próximas consultas (Aló de Moraes & Granato, 2016; Henz et al., 2017).

Dados similares foram encontrados no estudo desenvolvido por Atkin et al. (2015), realizado durante o pré-natal com 24 homens do Reino Unido, no qual os pais mencionaram que suas necessidades emocionais raramente eram reconhecidas pelos profissionais de saúde. A participação do homem, por outro lado, é facilitada quando atividades de educação em saúde desenvolvidas no cotidiano do pré-natal convidam o pai a participar do período gravídico-puerperal (Johnsen et al., 2017). Nesse sentido, a abordagem dos profissionais de saúde para com o futuro pai pode facilitar ou reduzir as experiências de inclusão paterna no cuidado pré-natal.

É válido apontar que a participação paterna no período pré-natal depende de inúmeros fatores. Apesar de muitas vezes o pai ser estimulado pelos profissionais da saúde a participar, sua ausência depende também de questões econômicas, culturais e familiares nas quais os homens estão inseridos. A limitação da oferta de horários de

atendimento, que coincidem com os de trabalho dos homens, por exemplo, tende a dificultar a sua participação (Henz et al., 2017).

Cabe lembrar que a presença paterna nas consultas de pré-natal permite ao pai desenvolver um sentimento de pertencimento, aspecto que promove, dentre outros, um papel mais ativo na vida dos filhos. Estudos apontam que a participação precoce do pai, desde a gestação, contribui para o vínculo pai-bebê, além de favorecer um maior engajamento do homem nos cuidados com a criança ao longo do seu desenvolvimento (Matos et al., 2017a; Nogueira & Ferreira, 2012). Embora exista bastante variação entre os pais, alguns se mostram muito interessados em interagir com o bebê ainda na gestação, através das carícias na barriga da gestante e da participação nos exames de ultrassom. Os relatos a seguir evidenciam essa questão:

Acompanhar os ultrassons era bem bacana porque você vê o bebê na barriga, é muito legal. Eu também gostava muito de tocar a barriga da minha esposa e conversar com ela [filha]. Era algo que me fazia muito bem. (Pai 9, menina, 8 meses, Liç. 20 dias)

Escutar os batimentos cardíacos do meu filho, recordando agora, é até difícil de te explicar, é a vida se iniciando, é bem emocionante. Eu já tinha ouvido falar, mas realmente a gente não tem noção como vai ser essa experiência. (Pai 15, menino, 9 meses, Liç. 20 dias)

O exame de ultrassom se configura como uma situação privilegiada, sendo um dos momentos mais esperado pelos pais. A ultrassonografia mostra-se como uma ferramenta importante para a construção da imagem mental do bebê, constituindo-se como possibilidade de elaboração das mudanças que ocorrem no psiquismo dos pais (Matos et al., 2017b). Além disso, a possibilidade de ouvir os batimentos cardíacos do bebê permite uma aproximação com a ideia do filho real. Ainda que o lugar de gestação seja a barriga da mãe, ao estar presente nos exames de ultrassom, é permitido ao pai a sensação de gestar (Cardoso et al., 2018).

Presença do pai na sala de parto

Na atualidade, houve uma mudança social

quanto às expectativas relacionadas ao papel do pai no parto. Hoje, muitos homens expressam o desejo de estar presentes no nascimento do filho(a) e percebem a sua presença como fundamental nesse evento, conforme observa-se nas falas abaixo:

Durante o parto, senti que o pai é ativo, ao menos no hospital [nome do hospital], eles são assim de trazer o pai para mesa: 'vamos lá pai'. Me senti totalmente inserido, eles estão ali contigo. A mãe é a atriz da parada, mas você não é coadjuvante, você é a co-estrela. (Pai 1, menino, 6 meses, Liç. 20 dias)

Foi muito bom estar lá, eu acho que eu participei bastante porque o parto foi bem intenso. Acho que a minha participação foi fundamental, dando água, limpando, levando para o banheiro, colocando água quente pra tentar amenizar a dor, esse tipo de coisa. Foi muito tenso na hora, você fica um pouco desesperado, mas foi muito bom. Acho que foi legal estar próximo, ajudar a X [esposal] nesse momento e ver a Y [filha]. Você está perto, você fica mais tranquilo. (Pai 3, menina, 7 meses, Liç. 5 dias)

Tais achados são consonantes com estudos recentes os quais apontam que os pais têm manifestado grande interesse e satisfação em acompanhar o nascimento de seu filho, em especial, nas camadas médias dos grandes centros urbanos (Cavalcanti & Holanda, 2019; Matos et al., 2017a). A vivência do parto é uma experiência única na vida do homem e da mulher. O direito de estar presente nesse evento, pegar o filho no colo e ouvir seu choro consolida-se como uma experiência emocionalmente importante para o homem (Francisco et al., 2015). Evidências científicas reforçam que o período logo após o nascimento é um momento marcante para a triade (Cavalcanti & Holanda, 2019; Fiterman & Moreira, 2018). A presença do pai neste evento tem papel fundamental, considerando que são muitas as ações desempenhadas por ele durante o processo de parto, tais como: transmitir calma, encorajar a companheira e dar apoio físico e emocional. Desse modo, o papel do pai vai muito além da presença física, ele também pode ser um importante provedor de suporte durante o trabalho de parto (Lwanga et al., 2017; Souza & Gualda, 2016).

Como já mencionado, a participação do pai nesse evento estreita os laços entre o casal e

promove conforto e segurança à companheira (Cavalcanti & Holanda, 2019). O apoio emocional paterno pode ser considerado como um fator de proteção para a mulher-mãe. Além disso, a participação do pai no parto contribui para a formação de um vínculo precoce entre a diade pai-bebê (Fiterman & Moreira, 2018; Matos et al., 2017a).

Para que o pai possa se sentir inserido no momento do parto, torna-se importante que ele seja envolvido nas questões atreladas ao período gravídico-puerperal precocemente. O pré-natal é um momento privilegiado para discutir aspectos relacionados ao parto. É, em especial, durante as consultas que o homem tem a oportunidade de expor suas dúvidas e receber informações necessárias a respeito do seu papel durante o trabalho de parto (Cavalcanti & Holanda, 2019; Mendes & Santos, 2019).

Apesar de essencialmente importante, no Brasil, a presença do pai ou de outro acompanhante na sala de parto não se configurava como direito da parturiente até o ano de 2005. Essa prática dependia da aprovação da instituição escolhida (Francisco et al., 2015). Somente em abril de 2005 foi sancionada a Lei n.º 11.108, que garante a presença de um acompanhante escolhido pela própria parturiente durante todo o trabalho de parto, o parto e o pós-parto imediato, caracterizando-se como uma prática de assistência humanizada.

A presença de um acompanhante é de suma relevância, tratando-se hoje de um direito reconhecido pela legislação brasileira. Embora haja avanços com a implementação da Lei, observa-se que a garantia desse direito não ocorre na totalidade dos partos e nascimentos, porque muitos homens desconhecem o direito que lhes é resguardado por lei de estarem presentes durante o momento do parto, e atribuem sua presença à benevolência da equipe médica (Gomes et al., 2019; Henz et al., 2017).

Apesar do esforço dos órgãos federais em viabilizar a garantia do direito da gestante de ter um acompanhante no momento do parto, muitas vezes, o homem ou a pessoa escolhida por ela são impedidos de permanecer ao lado

da mulher. Algumas instituições hospitalares ainda adotam o modelo de saúde centrado na medicina, e não nas necessidades do usuário, dificultando o cumprimento da lei (Melo et al., 2015). A partir da aplicação de rotinas, normas e regras, o espaço hospitalar sustenta-se como um lugar de submissão, interferindo, muitas vezes, no processo de humanização do parto (Cursino & Benincasa, 2020).

Além das barreiras institucionais, o pai ainda é pouco acolhido, estimulado e orientado por parte dos profissionais de saúde para participar do nascimento do filho (Aló de Moraes & Granato, 2016; Cortez et al., 2016; Henz et al., 2017). Desse modo, a problemática atrelada à presença paterna no nascimento engloba o modelo assistencial oferecido pelos profissionais, assim como a relação de poder que permeia o ambiente hospitalar. Cabe considerar que, atualmente, a maior parte dos partos acontece em instituições de saúde, incorporados a uma prática médica. Porém, diante da insatisfação das mulheres com o modelo obstétrico vigente e do desejo de autonomia sobre seus corpos no momento do parto e do nascimento, observa-se que o parto domiciliar planejado tem crescido cada vez mais no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos (Cursino & Benincasa, 2020). Para Ramos et al. (2018), o aumento do número de gestantes que optam pelo parto domiciliar parece estar relacionado ao desejo da mulher de evitar intervenções cirúrgicas e ter a participação da família e a presença ativa do pai nesse evento.

Rede de apoio no pós-parto

A rede de apoio familiar e social mostra-se importante após o nascimento do bebê para a maioria dos casais. Entretanto, os participantes do estudo percebem o papel da rede de apoio como secundário quando o pai pode estar mais presente para dar suporte à mulher e ao filho(a) recém-nascido. Os relatos a seguir evidenciam essa questão:

Quando o pai está presente, a necessidade da família acaba sendo nas questões mais pontuais como, por exemplo: esses dias a gente

estava querendo ir no cinema e aí eu liguei pra minha mãe, 'mãe pode ficar com ele'. [...] Mas é isso que eu te falo, quando tem os dois [pai e mãe] a necessidade de uma rede que dê suporte é muito menor. Ela [rede] se dá pontualmente, não como uma constante. (Pai 1, menino, 6 meses, Liç. 20 dias)

Tradicionalmente, as famílias têm redes de apoio que naturalmente excluem o pai desses cuidados. O que eu percebi da licença ampliada [20 dias] é que justamente você fica menos dependente de uma rede de apoio, de uma rede familiar que culturalmente cuidaria se o pai não estivesse ali. (Pai 4, menino, 1 ano, Liç. 20 dias)

Eu acredito que os primeiros dias [pós-parto] é um momento muito íntimo, e que deveria ser apenas do casal com o bebê. Eu vejo amigos que não tiveram a oportunidade de ficar tanto tempo em casa, como eu tive, e que a sogra ou a própria mãe foi ficar 1 mês morando com o casal para ajudar. Eu acho isso bem negativo, mas quando o pai não pode ficar vai fazer como?! Eu acho negativo, mas para algumas pessoas essa acaba sendo a única solução. (Pai 12, menina, 3 meses, Liç. 20 dias)

As vivências da família no retorno ao lar, após o nascimento do bebê, envolvem muitos desafios. A rede de apoio social e familiar tem um importante papel face às funções que desempenha, de suporte, disponibilidade e cuidado, em especial, nos primeiros dias após o parto. O apoio social tem sido considerado um recurso importante durante a transição para a parentalidade, tendo em vista que o suporte recebido se revela como um fator de proteção para a família no enfrentamento dos desafios inerentes a essa fase (Cornish & Dobie, 2018; Rapoport & Piccinini, 2011).

A presença paterna durante o pós-parto possibilita inúmeros benefícios para a mãe e o bebê, tais como: promoção de bem-estar à companhia, incentivo ao aleitamento materno e fortalecimento do vínculo pai-filho (Romagnolo et al., 2017). No entanto, as redes envolvidas nesse processo são constituídas, sobretudo, por figuras femininas, sendo elas: avós, em especial, as avós maternas, tias, amigas e vizinhas (Carvalho et al., 2012; Lopes et al., 2010). Na fase do puerpério ou pós-parto, a mulher vivencia profundas alterações físicas e emocionais desencadeadas pelo parto. Desse modo, mostra-se fundamental o suporte oferecido a ela nesse período (Rapoport & Piccinini, 2011). Apesar de a rede social mostrar-se

essencial durante as transições decorrentes do nascimento de um bebê, cabe destacar que o apoio do parceiro é uma valiosa fonte de suporte (Menezes et al., 2019; Nascimento et al., 2019). Entretanto, a possibilidade de o pai oferecer auxílio e suporte à companheira parece prejudicada se considerarmos que a maior parte dos homens brasileiros permanece em casa por apenas cinco dias consecutivos após o nascimento do filho e em alguns casos, como de pais autônomos, o tempo pode ser ainda mais reduzido.

É importante observar que nos relatos mencionados acima os pais tiveram direito à licença-paternidade ampliada (20 dias). Desse modo, é possível considerar que, apesar de a licença estendida ainda parecer insuficiente diante das demandas do pós-parto, a rede de apoio não fica tão sobrecarregada, servindo para dar suporte também ao pai neste período. Diferentemente, no caso de pais que tiveram a licença-paternidade reduzida após o nascimento do filho (cinco dias), observou-se que esses assumiram uma função menos ativa no pós-parto, como pode ser percebido nas seguintes falas:

O apoio da minha sogra foi muito grande no começo. Ela ficou uns 20 dias na nossa casa. Mas na hora que ela foi embora e ficamos só nós dois, a gente olhou um para a cara do outro: 'e agora a gente faz o quê?' [risos]. Agora a gente acha engraçado, mas foi bem tenso na época. (Pai 5, menino, 6 meses, Liç. 5 dias)

O período pós-parto foi muito difícil. Meu chefe era compreensível, eu tive uma certa flexibilidade, mas a gente acabou indo ficar na casa da minha sogra, não tinha como ela [esposa] ficar sozinha. (Pai 13, menino, 6 meses, Liç. 3 dias)

A aquisição de competências parentais, ou capacidade para cuidar do filho e responder às suas necessidades, é uma tarefa complexa, exigindo apoio e suporte, como já mencionado (Cornish & Dobie, 2018). Diante dos discursos dos participantes, foi possível compreender a importância e a necessidade da participação do companheiro e da família nos cuidados com a puérpera e o recém-nascido, haja vista que o pós-parto é marcado pelo cansaço físico e a privação do sono (Romagnolo et al., 2017).

Sabe-se que o pós-parto é um período desafiador de inúmeras mudanças intra e

interpessoais para o casal. Após o nascimento do bebê, algumas mulheres apresentam alterações de humor, levando a quadros depressivos devido às mudanças hormonais, ao estresse durante o parto, ao aumento da responsabilidade e a expectativas diante da maternidade (Cornish & Dobie, 2018). Evidências científicas indicam que a ocorrência de quadros depressivos pode estar relacionada, dentre outros fatores, à falta de apoio por parte do parceiro (Frizzo et al., 2019; Krob et al., 2017). Apesar de a depressão pós-parto ser tipicamente tratada como um transtorno com maior prevalência materna, os sintomas depressivos também podem acometer o pai, que, assim como a companheira, vivencia transformações importantes em sua identidade pessoal, familiar e social após tornar-se pai (Gabriel et al., 2015; Howarth & Swain, 2020).

Considerações finais

O presente estudo investigou a participação do pai nas consultas de pré-natal, parto e pós-parto sob a perspectiva masculina. Para fundamentar a análise dos dados encontrados, foram utilizados os fundamentos das teorias sistêmicas e psicanalíticas de família e casal sobre o tema investigado. Os achados revelaram que, atualmente, o pai tem assumido uma postura mais ativa diante do ciclo gravídico-puerperal, em especial, nas camadas médias da população. Diante dos resultados encontrados, conclui-se que a presença do pai nas consultas de pré-natal e no momento do nascimento do filho fortalece os vínculos familiares, caracterizando-se como um fator positivo para a tríade mãe-pai-filho.

Apesar de a figura paterna ser socialmente reconhecida como importante no contexto clínico gestacional, muitos homens encontram barreiras para se inserirem nesse contexto. Uma possível explicação para isso seria o fato de estereótipos de gênero reforçarem a ideia de que o universo obstétrico é um espaço naturalmente feminino. Cabe lembrar que os serviços de saúde foram tradicionalmente projetados para acolher a mulher gestante, aspecto que pode dificultar o acesso do homem nesse contexto. Com relação

à presença paterna no pós-parto, a presente pesquisa possibilitou compreender que o homem tem um papel importante como integrante da rede social de apoio à mulher no puerpério. A maior parte dos pais, contudo, dispõe de poucos dias de licença do trabalho para ocupar o lugar de figura primária no suporte à companheira no pós-parto, aspecto que leva o casal a recorrer a redes de apoio substitutas, como familiares. Esse tipo de achado evidencia a necessidade de fomentar a discussão acerca da carência de políticas públicas e programas voltados a apoiar a relação pai-bebê.

Vale destacar que os participantes deste estudo pertencem às camadas médias da sociedade. Assim, sugere-se que novas pesquisas investiguem a participação paterna no ciclo gravídico-puerperal em diferentes camadas sociais, para o entendimento das peculiaridades aqui discutidas em outros contextos. Por fim, cabe salientar que a maior parte das evidências científicas encontradas para fundamentar a discussão aqui apresentada investigam a presença paterna no contexto gestacional sob a ótica materna. Por essa razão, os resultados e as discussões buscam avançar em termos de conhecimento científico sobre a temática em questão na medida em que privilegiam a perspectiva paterna.

Referências

- Aló de Moraes, C. J., & Granato, T. M. M. (2016). Tornando-se pai: uma revisão integrativa da literatura sobre a transição para a paternidade. *Psicologia em Estudo*, 21(4), 557-567. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v21i4.29871>
- Acker, J. I. B. V., Annoni, F., Carreno, I., Hahn, G. V., & Medeiros, C. R. G. (2006). As parteiras e o cuidado com o nascimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(5), 647-651. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000500010>
- Atkin, K., Berghs, M., & Dyson, S. (2015). 'Who's the guy in the room?' Involving fathers in antenatal care screening for sickle cell disorders. *Social Science & Medicine*, 128, 212-219. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.01.039>
- Balica, L. O., & Aguiar, R. S. (2019). Percepções paternas no acompanhamento do pré-natal. *Revista de Atenção Saúde*, 17(61), 114-126. <https://doi.org/10.13037/ras.vol17n61.5934>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Braide, A. S. G., Brilhante, A. V. Arruda, C. N., Mendonça, F. A. C., Caldas, J. M. P., Nations, K. M. Diógenes, K. C. B. M., & Amorim R. F. (2018). Sou homem e pai sim! (Re) construindo a identidade masculina a partir da participação no parto. *Rev Panamericana Salud Publica*, 42, 1-7. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.190>
- Botton, A., Cúnico, S. D., & Strey, M. N. (2017). Diferenças de gênero no acesso aos serviços de saúde: problematizações necessárias. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 25(1), 67-72. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v25n1p67-72>
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2016). Desafios de ser pai em uma sociedade e transformação. In Moreira, L. V. C. Rabinovich, E. P., & Zucoloto, P. C. S. V. (Org.) *Paternidade e sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família* (pp. 81-100). Juruá.
- Brasil. (2005). Lei n. 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a lei n.º 8.080 de 19 de Setembro de 1990, para garantir a parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. *Diário Oficial da União*.
- Cardoso, V. E. P. S., Junior, A. J. S., Bonatti, A. F., Soares dos Santos, G. W., & Ribeiro, T. A. N. (2018). A participação do parceiro na rotina pré-natal sob a perspectiva da mulher gestante. *Rev Fund Care Online*, 10(3), 856-862. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i3.856-862>
- Carvalho, A. M. A., Franco, A. L. S., Costa, L. A. F., & Oiwa, N. N. (2012). Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In M. G. Castro, A. M. A. Carvalho, & L. V. C. Moreira (Orgs.), *Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos* (pp. 63-110). EDUFBA.
- Carvalho, A. B. (2016). Políticas de apoio à família e à paternidade: uma visão comparada entre as políticas norte-americanas e brasileiras. In Moreira, L. V. C. Rabinovich, E. P., & Zucoloto, P. C. S. V. (Org.) *Paternidade e sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família* (pp. 315-333). Juruá.
- Cavalcanti, T. R. L., & Holanda, V. R. (2019). Participação paterna no ciclo gravídico-puerperal e seus efeitos sobre a saúde da mulher. *Enfermagem em Foco*, 10(1), 93-98. <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1446>
- Cavalcant, M. A. A., & Tsunehiro M. A. (2018). O comportamento paterno na consulta pré-natal. *Revista Paulista de Enfermagem*, 29(1), 39-46. <https://repen.com.br/revista/wp-content/uploads/2018/11/O-comportamento-paterno-na-consulta-pr%C3%A9-natal.pdf>
- Cortez, M. C., Machado, N. M., Trindade, Z. A., & Souza, L. G. S. (2016). Profissionais de saúde e o (não)atendimento ao homem-pai: análise em representações sociais. *Psicologia em Estudo*, 21(1), 53-63. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v21i1.28323>
- Corrêa, M. S. M., Feliciano, K. V. O., Pedrosa, E. N., & Souza, A. I. (2017). Acolhimento no cuidado à saúde da mulher no puerpério. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(3), 2-12. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00136215>

- Cornish D. L., & Dobie, S. R. (2018). Social support in the "fourth trimester": a qualitative analysis of women at 1 month and 3 months postpartum. *The Journal of Perinatal Education*, 27(4), 233-242. <http://dx.doi.org/10.1891/1058-1243.274.233>
- Cursino, T. P., & Benincasa, M. (2020). Parto domiciliar planejado no Brasil: uma revisão sistemática nacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(4), 1433-1444. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202025413582018>
- Fiterman, H., & Moreira, L. V. C. (2018). O pai na gestação, no parto e aos três meses de vida do primeiro filho. *Polis (Santiago)*, 17(50), 47-68. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200047>
- Francisco, B. S., Souza, B. S., Vítório, M. L., Zampieri, M. F. M., & Gregório, V. R. P. (2015). Percepções dos pais sobre suas vivências como acompanhante durante o parto e nascimento. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(3), 567-575. http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622015000300004
- Frizzo, G. B., Schmidt, B., Vargas, V., & Piccinini, C. A. (2019). Coparentalidade no contexto de depressão pós-parto: um estudo qualitativo. *Psico-USF*, 24(1), 85-96. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240107>
- Gabriel, R., Silva, M. R., Portugal, P., & Piccinini, C. A. (2015). Depressão pós-parto materna e o envolvimento paterno no primeiro ano do bebê. *Aletheia*, 46, 50-65. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100005#:~:text=Os%20resultados%20revelaram%20que%20os.que%20ao%20pr%C3%B3prio%20humor%20paterno
- Gomes, I. E. M., Padoin, S. M. M., Langendorf, T. F., Paula, C. C., Gomes, C. A., & Ribeiro, A. C. (2019). Benefícios da presença do acompanhante no processo de parto e nascimento: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFSM*, 9(61), 1-18. <https://doi.org/10.5902/2179769234170>
- Henz, G. S., Medeiros, C. R. G., & Salvadori M. (2017). A inclusão paterna durante o pré-natal. *Revista de Enfermagem e Atenção a Saúde*, 6(1), 52-66. <https://doi.org/10.18554/reas.v6i1.2053>
- Johnsen, H., Stenback, P., Halldén, B., Crang Svalenius, E., & Persson, E. K. (2017). Nordic fathers' willingness to participate during pregnancy. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 35(3), 223-235. <https://doi.org/10.1080/02646838.2017.1297890>
- Krob, A. D., Godoy, J., Leite, K. P., & Mori, S. G. (2017). Depressão na gestação e no pós-parto e a responsividade materna nesse contexto. *Revista Psicologia e Saúde*, 9(3), 3-16. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v9i3.565>
- Lopes, R. C. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 295-304. <https://www.scielo.br/j/pe/a/7FJ4WyDTpr33GxWyy6jNf4N/?format=pdf&lang=pt>
- Lwanga, H., Atuyambe, L., Sempewo, H., Lumala, A., & Byaruhanga, R. N. B. (2017). An exploratory study of men's companionship, perceptions and experiences during pregnancy and delivery in Uganda. *Pregnancy Childbirth*, 17(196), 2-8. <https://doi.org/10.1186/s12884-017-1385-6>
- Matos, M. G., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017a). Construindo o vínculo pai-bebê: a experiência dos pais. *Psico-USF*, 22(2), 261-271. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220206>
- Matos, M. G., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017b). Gestação paterna: uma experiência subjetiva. *Barbarói*, 49, 147-165. <https://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.voi49.8513>
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Org.). *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (pp. 375-398). Artmed.
- Melo, R. M., Angelo, B. H. B., Pontes C. M., & Santana de Brito, R. (2015). Conhecimento de homens sobre o trabalho de parto e nascimento. *Escola Anna Nery*, 19(3), 454-459. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150060>
- Mendes, S. C., & Santos, K. C. B. (2019). Pré-natal masculino: a importância da participação do pai nas consultas de pré-natal. *Enciclopédia Biosfera*, 16(29), 2120-2133. https://dx.doi.org/10.18677/EnciBio_2019A163
- Menezes, M. L., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2019). Envolvimento paterno na relação mãe-bebê: revisão integrativa da literatura. *Psicologia em Revista*, 25(1), 19-39. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p19-39>
- Ministério da Saúde. (2017). *II Relatório da Pesquisa Saúde do Homem, Paternidade e cuidado no Brasil*. Coordenação Nacional de Saúde do Homem.
- Nascimento, A. O., Marcelino, P. H. R., Vieira, R. S., & Lemos, A. (2019). A importância do acompanhamento paterno no pós-parto e o exercício da paternidade. *Rev Fund Care*, 11(n.esp), 475-480. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i2.475-480>
- Nogueira, J. R. D. F., & Ferreira, M. (2012). O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(8), 57-66. <http://dx.doi.org/10.12707/Rll1214>
- Ramos, B. D. E., Rocha, I. M. S., & Lima, A. L. S. (2018). Parto domiciliar planejado: um relato de experiência. *Revista Recien*, 8(22), 42-52. <https://doi.org/10.24276/rrecien2358-3088.2018.8.22.42-52>
- Ribeiro, J. P., Gomes, G. C., Silva, B. T., Cardoso, L. S., Silva, P. A., & Strefling, I. S. S. (2015). Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. *Revista Espaço para Saúde*, 16(3) 73-82. <http://dx.doi.org/10.22421/1517-7130.2015v16n3p73>
- Rios da Silva, F., Lacerda, M. R., Gomes, I. M., Denipote, A. G. M., & Teruy, L. M. (2021). A experiência do puerpério para as famílias: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10(3), p. e2410312863. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.12863>
- Rocha-Coutinho, M. L. (2013). A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. In Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 13-33). Casa do Psicólogo.

Rocha-Coutinho, M. L. (2015). Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero. In Féres-Carneiro, T. (Org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 103-118). Prospectiva.

Romagnolo, A. N., Costa, A. O., Souza, N. L., Somera, V. C. O., & Benincasa, M. (2017). A família como fator de risco e de proteção na gestação, parto e pós-parto. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 38(2), 133-146. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2017v38n2p133>

Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2011). Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. *Psico-USF*, 16(2), 215-225. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200010>

Silva, C. S., & Carneiro, M. (2014). Adaptação à parentalidade: o nascimento do primeiro filho. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(3), 17-26. <http://dx.doi.org/10.12707/Rll13143>

Souza, S. R. R. K., & Gualda, D. M. R. (2016). A experiência da mulher e de seu acompanhante no parto em uma maternidade pública. *Texto Contexto Enfermagem*, 25(1), 1-9. <https://doi.org/10.1590/0104-0707201600004080014>

Trindade, Z., Cortez, M. B., Dornelas, K., & Santos, M. (2019). Pais de primeira viagem: demanda por apoio e visibilidade. *Saúde e Sociedade*, 28(1), 250-261. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902019170892>

Véras, É. A., & Medeiros de Oliveira, F. P. (2017). Políticas públicas para a maternidade: uma análise das licenças por maternidade e paternidade à luz da igualdade e da sustentabilidade social. *Revista de Direito do Trabalho*, 3(1), 115-134. <https://www.indexlaw.org/index.php/revistadtmat/article/view/1805>

Velho, G. (1987). Individualismo e cultura. Jorge Zahar.

Yargawa, J., & Leonardi-Bee, J. (2015). Male involvement and maternal health outcomes: systematic review and meta-analysis. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 69(6), 604-612. <http://dx.doi.org/10.1136/jech-2014-204784>

Denise Bernardi

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Psicologia pela mesma instituição.

Renata Mello

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, com período sanduíche na Université Paris Diderot (Paris7); com pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professora Agregada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família.

Terezinha Féres-Carneiro

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em São Paulo, SP, Brasil; com pós-doutorado em Psicoterapia de Casal e Família pela Universidade de Paris 5, Sorbonne. Professora Emérita do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Denise Bernardi

Rua Marquês de São Vicente, 225

Gávea, 22451-042

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.